

O QUE ESSE MENINO TEM?

**Sobre alunos que não aprendem e
a intervenção da psicanálise na escola**



O QUE ESSE MENINO TEM?
Sobre alunos que não aprendem e
a intervenção da psicanálise na escola

Ana Lydia Santiago
Raquel Martins de Assis





As pessoas não percebem muito bem o que querem fazer quando educam. Tentam, assim mesmo, ter uma pequena ideia, mas raramente refletem sobre ela.

O sinal de que, não obstante, há alguma coisa capaz de os inquietar, pelo menos de tempos em tempos, é que às vezes são tomados por alguma coisa de muito particular, que só os analistas para conhecerem bem, isto é, a angústia. Eles são tomados pela angústia quando pensam no que consiste educar. Contra a angústia, há um monte de remédios, em particular certo número de "concepções do homem", do que seja o homem. Isso varia muito, a concepção que se pode ter do homem, embora ninguém o perceba. (...)

É disso que se ocupam os analistas, de modo que, ao contrário do que se acredita, eles são muito mais confrontados ao real que os próprios cientistas. Eles só se ocupam disso. São forçados a sofrê-lo, isto é, esticar as costas o tempo todo. Convém para esse fim que estejam excepcionalmente couraçados contra a angústia.

Jacques Lacan

© Relicário Edições

© Ana Lydia Santiago, Raquel Martins Assis

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

M545

O que esse menino tem? : sobre alunos que não aprendem e a intervenção da psicanálise na escola / Ana Lydia Santiago ; Raquel Martins Assis. 2ª

edição - Belo Horizonte : Relicário Edições, 2018

100 p. (Coleção BIP – Biblioteca do Instituto de Psicanálise)

Inclui notas

ISBN: 978-85-66786-82-8

1. Psicanálise. 2. Educação especial. I. Santiago, Ana Lydia. II. Assis, Raquel Martins.

CDD 150.195

CDU: 159.964

COLEÇÃO BIP – BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE

DIREÇÃO Ana Lydia Santiago

CONSELHO EDITORIAL

António Beneti

Elisa Alvarenga

Francisco Paes Barreto

Sérgio Laia

COORDENAÇÃO EDITORIAL Máira Nassif Passos

CAPA Ana C. Bahia

DIAGRAMAÇÃO Caroline Gischewski

REVISÃO Lucas Morais

RELICÁRIO EDIÇÕES

www.relicarioedicoes.com

contato@relicarioedicoes.com

SUMÁRIO

Apresentação 9

Introdução

A DESSUPOSIÇÃO DE SABER NA ESCOLA:

ALUNO-PROBLEMA E OUTRAS NOMEAÇÕES 15

Ana Lydia Santiago

I. ALUNO LUNÁTICO OU AUGUSTO: “TENHO MEDO DO ESCURO” 23

Ana Lydia Santiago e Raquel Martins de Assis

Conversação diagnóstica: O que a escola sabe do sintoma de Augusto? 23

Leitura do sintoma: nomes e discursos na abordagem do fracasso escolar 27

Entrevista clínica: do sintoma do Outro ao sintoma do sujeito 31

Nova entrevista clínica: o que se inscreve de singular na escrita 35

Intervenção pedagógica sobre a defasagem escolar 38

Conversação devolutiva do estudo de caso: releitura do sintoma Augusto 39

II. MENINA IMATURA, INFANTIL OU ARIANE: “BONECA DA MAMÃE” 41

Ana Lydia Santiago

A família e o social na explicação do fracasso escolar 42

A que soluções pedagógicas recorrer? 43

Entrevista clínica: “saída” da posição estática 45

Intervenção pedagógica: da alfabetização ao letramento 48

III. DÉFICIT COGNITIVO E DISTÚRBO DE CONDUTA OU ARISLEY: “É SÓ JUNTAR LETRAS E VER O QUE VAI DAR” 51

Ana Lydia Santiago

Versões da causa do sintoma na escola 52

Os impasses da criança: doenças e nomes 55

O enigma do sujeito com o nome próprio: a diferença captada no real do corpo 57

- IV. ABACAXI OU BEATRIZ: “POSSO SER MUITA COISA” 61**
Ana Lydia Santiago e Raquel Martins de Assis
Entrevista clínica: a incógnita da sexualidade na Matemática 62
Intervenção pedagógica: rumo ao indeterminado 64
Antes e depois do embargo à inibição: a reinserção na escola 66
- V. DOIDO INTELIGENTE OU BENÍCIO: “RECUSO O QUE ME OFERECES, POIS NÃO É ISSO” 67**
Ana Lydia Santiago
Entrevista clínica: falar do sintoma faz despertar 69
Tratamentos para a recusa a copiar 70
Sobre o sintoma apenas o sujeito ensina 74
- VI. UM CASO DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL OU HELENA: “[...] TENHO QUE PENSAR NO QUE VOU ESCREVER?” 77**
Ana Lydia Santiago
Entrevista clínica: emergência do ritornelo 78
Intervenção pedagógica: na escrita, dissociação entre pensamento e ação 81
- VII. “EDUARDO BRUNO VAI SER DOUTOR?” OU O FILHO QUE SE TORNOU UM ENIGMA PARA OS PAIS 85**
Ana Lydia Santiago e Raquel Martins de Assis
Entrevista clínica: Médico ou advogado? “Eu gosto mesmo é de caminhões!” 85
O pai: seu saber e suas questões 87
O filho em cena: propostas novas e concretas 91

Notas 99

APRESENTAÇÃO

Este livro surgiu do desejo de divulgar possíveis ações do psicanalista no campo da Educação, por meio de intervenções propostas por Ana Lydia Santiago, que se baseiam na teoria da inibição intelectual e na prática de aplicação da psicanálise designada Clínica Pragmática¹. Tais ações visam, essencialmente, a destrinchar o sintoma do fracasso escolar ou, mais precisamente, incidir sobre formas sintomáticas que se manifestam em crianças e jovens durante a trajetória escolar e resistem a quaisquer intervenções pedagógicas implementadas, a ponto de inviabilizar, muitas vezes, a própria escolaridade.

É preciso considerar, neste trabalho, os psicanalistas “como um objeto nômade e a psicanálise como uma instalação portátil, suscetível de se deslocar para novos contextos e, em particular, para as instituições”². Os casos discutidos na presente obra demonstram a possibilidade de haver um lugar analítico nas instituições escolares, a que, quando ocorre, se designa, de acordo com proposta de Jacques-Alain Miller, *Lugar Alfa*.

O *Lugar Alfa* não é um lugar de escuta, mas de respostas. Pela mediação do psicanalista, o falar à toa revela sentidos novos, em que se inclui o saber do inconsciente. Um lugar de respostas é, portanto, aquele em que, pelo falar livre, se produz uma mutação. Por intermédio do psicanalista, “o falar assume a forma de questão e a própria questão, a forma de resposta”³, uma resposta diferente da que, até então, era possível. Pode ser que surja algo novo, no ponto em que, antes, havia um impossível de se dizer, uma inibição, um medo ou qualquer outra resposta sintomática que, para se expressar, engendrou uma barreira ao saber, um fechamento à aprendizagem.

Nos casos estudados, evidencia-se que “os efeitos psicanalíticos propriamente ditos se produzem no seio de contextos institucionais,

não importando o quanto esses contextos autorizem a instalação de um lugar analítico”⁴. Operadores do *Lugar Alfa* em escolas, os psicanalistas tentam provocar, em encontros pontuais com cada sujeito, a emergência de um novo saber relativo ao inconsciente, que favoreça a reconexão com a realidade social. Nesse contexto, esses profissionais “estão em conexão direta com o social, encarnam eles próprios o social e restabelecem o laço social dos sujeitos que acolhem”⁵.

O foco das ações são alunos que, com nove e 10 anos de idade, ainda não foram alfabetizados e, por isso, constituem, na prática, desafios invencíveis para os docentes: não aprendem ou não retêm ensinamentos – ou seja, o que, num dia, parece ter sido apreendido, no dia seguinte, já está esquecido. Eles não apresentam laudos médicos nem diagnósticos em que se expliquem suas dificuldades, apesar dos habituais encaminhamentos para avaliação em serviços de Saúde Pública e Centros de Atendimento Psicológico. Ninguém sabe o que eles têm. Às vezes, chegam a concluir o Ensino Médio sem aprender nada ou, em algum ponto da trajetória, se evadem da escola. Os que persistem geram, no entanto, profunda angústia nos docentes, que se empenham em experimentar métodos, adotar estratégias pedagógicas, tentar de tudo, apesar de jamais conseguirem atingir os resultados esperados.

Muitas questões são levantadas a respeito de alunos que, dificilmente ou nunca, avançam no processo de ensino/aprendizagem: Sofrem de limitação orgânica ou de transtorno mental? O problema advém da família de cada um deles, dos professores ou da escola? Enfim, a pergunta que persiste é: *O que esse menino tem?*

A intervenção da psicanálise na escola

Os alunos que não aprendem tornam-se alvo de inquietações que mobilizam políticas públicas e programas específicos à Educação Especial. Quanto mais se mostram fechados à aprendizagem, mais consolidam a probabilidade de existência de transtornos globais do desenvolvimento ou de possíveis deficiências intelectuais. Numa *Conversação* realizada, previamente, com os gestores da área da Educação Especial do município de Belo Horizonte e do estado de Minas Gerais, destacou-se que

o maior obstáculo para a execução de medidas de inclusão consiste em casos de suposição de deficiência intelectual.

Em face desse desafio, a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), responsável pela formação de profissionais que, em futuro breve, se vão confrontar com essa realidade, também foi convocada a apresentar respostas plausíveis para tais problemas. Nos cursos de Graduação em Pedagogia e Licenciaturas em geral, os estudantes expressam suas inquietudes mais frequentes, que se resumem a não se sentirem preparados para lidar com os tipos de aluno em foco. Daí formalizar-se uma questão fundamental: Que pesquisas poderiam contribuir para a formação docente articulada a obstáculos específicos a atividades de inclusão escolar?

Nessa perspectiva, as professoras Samira Zaidan e Cristina Gouvea – respectivamente, Diretora e Vice-diretora dessa Faculdade, gestão 2010-2014 – convidaram o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Psicanálise e Educação (Nipse), que já funcionava nessa instituição implementado e coordenado pela professora Ana Lydia Santiago, a direcionar seus projetos de pesquisa/intervenção centrados na investigação clínica de formas de inibição intelectual e de sintomas na esfera da aprendizagem para o ponto de convergência das preocupações da Educação Especial e Inclusiva e da formação docente.

Os integrantes do Nipse vêm-se responsabilizando, desde 2004, pela realização de pesquisas/intervenções em escolas, fundamentadas na prática da psicanálise aplicada, que remetem à ação de psicanalistas e não se restringem ao enquadramento do consultório, processo clínico estabelecido entre o analista, o paciente que o procura e o discurso analítico. Como a psicanálise aplicada busca instituir, em escolas, o já referido *Lugar Alfa*, o trabalho assim direcionado pela coordenadora do Nipse não visa apenas a constatar sintomas, mas a produzir um encontro pontual do sujeito com o analista, que, nesse contexto, deve se revelar capaz de engendrar arranjos originais e de ser fonte de respostas que modifiquem impasses iniciais.

Para conhecer melhor os impasses do campo da Educação Especial e Inclusiva, Ana Lydia Santiago convida Raquel Martins de Assis a integrar-se à nova proposta de pesquisa/intervenção e o Nipse

propôs-se, então, promover *Conversações* com gestores responsáveis pela área da Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar no sistema educacional público de Minas Gerais. O objetivo era o de, por essa via, elencar os principais problemas enfrentados pelos educadores envolvidos em projetos específicos a essa área de ensino e que, portanto, deveriam possuir amplo conhecimento da rede de assistência especializada articulada à Educação, além de serem responsáveis diretos por cuidados na implementação das políticas de Educação Inclusiva no cotidiano das escolas.

Entre os impasses mencionados nas *Conversações* que se fizeram necessárias para tanto, destacou-se a grande dificuldade dos educadores em trabalhar com alunos suspeitos de deficiências intelectuais ou de transtornos mentais, que se configuram hipóteses explicativas, principalmente para os casos de alunos sem diagnóstico médico ou psicológico, que enfrentam importantes obstáculos relacionados à aprendizagem:

Diante do limite da aprendizagem, ficamos cegos às potencialidades. O educador paralisa, ao certificar-se da insuficiência para aprender presente nos casos de psicose, autismo e outros, sem diagnóstico. Os mais difíceis são os casos de deficiente intelectual, pois a deficiência impõe o particular e a prática pedagógica quer ensinar para todos do mesmo jeito. A escola não sabe lidar com o particular.

“A escola não sabe lidar com o particular” é, então, a mais relevante conclusão dos gestores ouvidos. Na perspectiva dos alunos, pode-se considerar que os casos enigmáticos para os educadores são justamente aqueles em que há impedimentos dos sujeitos para, no processo de aprendizagem, incluir sua particularidade, em que sobressaem, acima de tudo, o fracasso, o sofrimento e a desinserção social, mesmo quando eles se encontram no âmbito da escola. Trata-se, talvez, de uma forma de sintoma que traduz a própria resistência à inclusão. A propósito, os gestores perguntam-se: Como dar atenção às necessidades específicas a cada sujeito segundo um modelo educacional elaborado para atingir a todos? Em outros termos: Como incluir o particular?

Nessa pergunta, resume-se o desafio das pesquisas de orientação psicanalítica que, no campo da educação, comumente, objetivam intervir em impasses com alunos-problema, assim designados por apresentarem ou obstáculos na aprendizagem ou comportamentos perturbadores, marcados por conotação de violência ou de sexualidade. Em algumas situações, ambos os fatores se fazem presentes. Definida essa contestação predominante ao saber fazer da psicanálise aplicada, elaborou-se um projeto de pesquisa/intervenção, que foi firmado com a Diretoria de Educação Especial (Deesp) da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (Seemg), para estudo de casos de alunos-problema.

Isso feito, uma apresentação da oferta da psicanálise a diretores de escolas, programada pela Deesp, antecedeu a intervenção propriamente dita. Apenas se tal apresentação gerasse uma demanda, o discurso analítico poderia começar a atuar. Para se desenvolver uma pesquisa/intervenção em uma escola, é fundamental, pois, que a queixa quanto à ocorrência de determinados sintomas na instituição parta dos respectivos diretores. São eles que, inicialmente, podem reconhecer determinadas situações como indesejáveis, excessivas ou invulneráveis a iniciativas de controle e redirecionamento. Somente quando as medidas pedagógicas disponíveis se esgotam, os recursos educacionais à disposição dos educadores se revelam inoperantes ou, ainda, os problemas se repetem, uma instituição permite-se ser atravessada pela psicanálise. Na promoção de pesquisas/intervenções, a ação de psicanalistas acontece em duas esferas: (1) sobre um coletivo – de alunos de uma mesma sala de aula ou de professores de uma mesma escola –, por meio da metodologia da *Conversação*⁶; ou (2), no âmbito do caso a caso, se o sintoma produzido é o de evidente inibição em aprender, já que algumas dificuldades de aprendizagem, bloqueios intelectuais, dispersão constante, agitação ou apatia frequentes e falta de atenção, assim como atuações das mais diversas ordens ou a perda do desejo de estudar, podem se constituir respostas individuais que veiculam, para além do processo educativo, impasses subjetivos. Em tais casos, pela metodologia da *Entrevista Clínica de Orientação Psicanalítica*⁷, os sintomas focados merecem abordagem cuidadosa, visto que a intervenção de psicanalistas é pontual e de curta duração. Por outro lado, é possível

acontecer, também, que os sintomas identificados na escola se traduzam em sinais discretos da forclusão, em fenômenos elementares ínfimos ou em desligamentos sucessivos da família e de tudo aquilo que se situa ao redor dessa instituição – ou seja, as relações sociais, o mundo⁸. Mesmo nestes últimos casos, acredita-se que a escolarização não precisa ser inviabilizada.

Em tal contexto, a psicanálise propõe-se intervir, ofertando a palavra e promovendo a associação livre de saberes inconscientes, a fim de que possa advir alguma reconciliação dos sujeitos com seus desejos singulares. O desafio da psicanálise em sua aplicação no campo da educação consiste, portanto, em criar um respiradouro no seio do espaço institucional, em que a singularidade finalmente se inscreva. Em outros termos, os psicanalistas de orientação lacaniana chamam para si a instigação resultante do fato de privilegiarem o real dos sintomas e, com essa referência, desconcertarem o ambiente institucional delimitado por normas e práticas simbólicas consolidadas, para incluírem, de outra forma, o irreconciliável do que perturba, pois este constitui, igualmente, o mais singular de cada sujeito.

Neste livro, apresenta-se uma seleção de casos, frutos de intervenções e práticas vivenciadas, em diferentes escolas, por integrantes do Nipse. Embora as *Entrevistas Clínicas de Orientação Psicanalítica* tenham sido conduzidas por Ana Lydia Santiago, os textos foram escritos a quatro mãos em coautoria com Raquel Martins de Assis, e o trabalho em que se fundamentam foi realizado por muitos colaboradores – entre os quais, psicanalistas membros da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), psicanalistas e pedagogos alunos do curso de Pós-Graduação em Educação - Conhecimento e Inclusão Social da FaE/UFMG, bem como estudantes de Graduação em Psicologia e em Pedagogia da mesma Universidade. No estudo de casos, aprende-se com sujeitos diversos o que eles ensinam sobre as próprias dificuldades, sobre seus sintomas.

No mesmo sentido, pretende-se, com a divulgação do trabalho desenvolvido em diferentes circunstâncias, que a pragmática da psicanálise e os casos ora apresentados possam ressoar na experiência de cada leitor e contribuir para a instituição de um lugar vazio, em que o particular se inscreva em suas relações com o saber.